

MULTICULTURALISMO NA ESCOLA: REFLEXÃO SOBRE A PRODUÇÃO ESCRITA DIANTE DA INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA DIGITAL NO ENSINO MÉDIO; GT 1 – Culturas escolares e linguagens – Modelo trabalho completo

Marines Marques Risso ¹
Antonio Henrique Coutelo de Moraes ²

Resumo

Esta pesquisa partiu do interesse em refletir sobre as estratégias digitais de ensino numa visão multicultural, com enfoque no desenvolvimento da competência escrita de adolescentes matriculados no ensino médio na Escola Estadual Antônio Ferreira Sobrinho, localizada no centro de Jaciara – MT. Parte-se, assim, do pressuposto de que a dificuldade de produção de texto escrito dos alunos do ensino médio é resultado dos impactos digitais impostos pela cultura midiática. Para alcançar tais metas apresentaremos uma pesquisa de procedimento metodológico bibliográfico, com abordagem qualitativa de acordo com Triviños (1987). Levará em consideração alguns estudiosos como: Vygotsky, Bakhtin, Freire, Antunes, Candau, entre outros.

Palavras-chave: Estratégias metodológicas. Escrita. Tecnologia. Ensino Médio.

1 Introdução

O presente texto tem como tema a produção de texto na escola diante da influência da tecnologia digital no ensino médio. Nesse contexto, é fato que o papel do professor mudou bastante ao longo da história, influenciado pelas várias transformações sociais que afetam diretamente o ambiente escolar com destaque para a revolução informacional. Esta proporciona possibilidades múltiplas e complexas funções sociais como processadores de texto, meios de expressão, mobilização de grupos, gestores de informação entre outros.

Nesse processo de desenvolvimento de sujeitos sociais, essa pesquisa apresenta como objetivo geral investigar as potencialidades e fragilidades de estratégias digitais de ensino, com enfoque no desenvolvimento da competência escrita de alunos do Ensino Médio. Levará em consideração alguns estudiosos como: Vygotsky, Bakhtin, Freire, Antunes, Candau entre outros.

Além disso, a pesquisa apresenta os seguintes objetivos específicos: a) Levantar referencial teórico para compreender as metodologias e desafios da utilização de ferramentas tecnológicas nas aulas de língua portuguesa na perspectiva de docentes; b) Analisar o meu trabalho como docente de língua portuguesa e conhecer as diversas metodologias de ensino da escrita para o exercício profissional; c) Verificar as ações pedagógicas interventivas na mediação da escrita; d) Promover reflexão sobre as concepções de práticas de produção textual escrito para o desenvolvimento de ações significativas. A metodologia utilizada neste projeto está pautada em estudos bibliográficos, com abordagem qualitativa de caráter descritivo de acordo com Triviños (1987).

A cada início de ano, o professor se depara com novas realidades que exigem mudanças na prática pedagógica. Desenvolver habilidades de escrita na escola, que proporcione a capacidade de atuação efetiva nas várias esferas comunicativas que compõem a sociedade,

¹ Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Federal de Rondonópolis - UFR, marines.m.risso@hotmail.com;

² Professor do curso de Letras – Língua e Literaturas de Língua Inglesa e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Federal de Rondonópolis - UFR, antonio.moraes@ufr.edu.br;

requer ser pensado na sua complexidade. Considerar a educação como homogênea e acreditar que se está atendendo os alunos de forma equitativa é um erro. Isso é evidenciado pelo sentimento de fracasso escolar tanto de professores quanto de alunos. A aprendizagem é a razão da escola.

Pressupõe-se que a dificuldade de produção de texto escrito dos alunos do Ensino Médio, última etapa da Educação Básica, é resultado dos impactos digitais impostos pela cultura midiática. De acordo com Bakhtin, "onde não há texto não há objeto de estudo e pensamento" (Bakhtin, 1997, p. 329). Assim, este trabalho visa identificar e propor alternativas metodológicas com o uso da tecnologia em sala de aula, que contribua para a formação considerada adequada de apropriação da escrita para a realização de práticas sociais de alunos do ensino médio.

É evidente que na atualidade as práticas mediadoras de escrita precisam envolver conhecimentos teóricos e práticos acerca das mídias digitais. A vida é permeada pela escrita. É impossível retirar o aluno do ambiente digital, além disso os gêneros digitais já fazem parte do cotidiano. De acordo com Libâneo (1998), as práticas educativas acontecem em todos os contextos e esferas da vida individual e social, tanto de forma institucionalizada quanto não institucionalizada, e sob diversas modalidades.

Nesse sentido, faz-se necessário mediar o acesso para que ele amplie seus conhecimentos a partir daquilo que lê e escreve, independentemente da plataforma e do tipo de texto. Logo, este estudo se propõe a responder o seguinte problema de pesquisa: Como conciliar a tecnologia já presente na vida dos alunos do ensino médio ao processo de desenvolvimento da competência discursiva escrita?

2 Desenvolvimento

A visível necessidade de ampliar a qualidade do ensino que envolva o desenvolvimento de competências e habilidades de escrita coloca o professor no centro do processo de pesquisa sobre a temática: estratégias metodológicas e meios tecnológicos. Neste contexto, com vistas a compreender sobre tecnologia e educação num contexto de mudanças rápidas e valores individualistas, deu-se início a pesquisas que mais atendem à proposta deste projeto. Para começar, identificamos alguns modelos defendidos por Lev Semionovich Vigotski, Vera Maria Candau, Paulo Freire e Lucídio Bianchetti, Irlandé Antunes, entre outros, pois evidenciam uma discussão teórica e prática na perspectiva das possibilidades didáticas em sala de aula.

Ao refletir sobre as Teorias da Educação Moderna e Contemporânea, compreendemos que numerosos educadores procuraram introduzir ideias e técnicas para tornar o processo educacional mais eficiente. Importantes transformações marcaram a história do ensino na escola, muitas vezes influenciados pelo momento histórico e político de cada época. Na prática, as tendências pedagógicas aparecem com maior ênfase tanto na tradicional quanto na contemporânea.

Dentre as diversas teorias, amparamo-nos na Teoria Histórico-Cultural por ser referencial na contribuição para a idealização da educação como um processo de humanização. Intencionando sinalizar o aporte desse conteúdo no ensino da linguagem, discorreremos sobre a relevância de Vigotski, por considerar os aspectos relacionados a linguagem, a interação e ao contexto histórico do indivíduo. Ao pensarmos na possibilidade de intervenções pedagógicas, os encaminhamentos metodológicos da Teoria Histórico-Cultural são diversos e envolvem práticas que valorizam o contexto cultural e social do aprendiz.

A Teoria Histórico-Cultural, desenvolvida por Vigotski (1896-1934) ao dedicar-se ao estudo dos distúrbios de aprendizagem e de linguagem, é uma abordagem teórica que enfatiza o papel da cultura e da interação social no desenvolvimento cognitivo e psicológico dos indivíduos. A incorporação de ferramentas culturais como a arte, a literatura, a linguagem e a

tecnologia facilitam o aprendizado. Seu objetivo era “...caracterizar os aspectos tipicamente humanos do comportamento e elaborar hipóteses de como essas características se formam ao longo da história humana e de como se desenvolvem durante a vida do indivíduo” (Vigotski, 1996, p. 25).

A teoria do desenvolvimento vigotskyana classifica as funções psicológicas do indivíduo como elementares, de base biológica, e superiores, de origem sociocultural, para explicar a consciência. Ele observou que as estruturas orgânicas elementares são determinadas pela maturação. Dependendo das experiências sociais da criança formam-se novas e complexas funções mentais. Assim, pode-se afirmar, que as funções psicológicas básicas têm origem biológica, estão presentes tanto em animais quanto em crianças, são caracterizadas por ações reflexas e por reações automáticas, além de serem influenciadas pelo ambiente externo.

Por outro lado, caracterizada pela intencionalidade das ações mediadas, as funções psicológicas superiores são de origem social e estão presentes somente em humanos. Elas são resultado da interação das funções psicológicas elementares e as culturais do indivíduo com o seu contexto. Essas funções psíquicas não têm origem no cérebro, mas só são possíveis porque existe atividade cerebral. Para Vigotski “A linguagem age decisivamente na estrutura do pensamento e é ferramenta básica para a construção de conhecimentos” (Vigotski, 1987, p. 129).

É a isso que se refere um conceito teórico de Vigotski: a mediação. Ela é um fator importante na intervenção para a construção do conhecimento e é feita por meio de instrumentos que transformam a natureza, por exemplo, a tecnologia e pela linguagem que traz conceitos culturais a qual o sujeito pertence. Nesse sentido, o professor assume esse papel de mediador entre o aluno e o conhecimento a qual é exposto com o uso da tecnologia. Ela está presente no ambiente escolar e ignorar é uma queda de braço perdida. É mais sábio exercer o intercâmbio entre o processo de aprendizagem, o uso de tecnologia e as questões éticas nas mais diferentes perspectivas da sociedade. É relevante capacitá-los para lidar com as novas linguagens tecnológicas, caso contrário, continuará um desafio se o professor não o enxergar como recurso didático e não utilizar como ferramenta pedagógica.

Desse modo, é preciso pensar no papel mediador da educação escolar para a formação humana. Com a progressão da humanidade a tarefa da escola tornou-se mais complexa. O trabalho docente intencional deve compreender que o estudante se relaciona de forma diferente com o mundo em cada idade. Com base nessa perspectiva teórica, a escrita é vista como instrumento de humanização do indivíduo. Possibilita a ele, compreender enunciados alheios e criar seus próprios discursos para uma participação social efetiva, pois a linguagem escrita é um sistema sofisticado de comunicação. É desafiador entender como os estudantes aprendem diante de múltiplas informações do mundo digital.

O processo de aprender está diretamente ligado ao processo de ensinar. Vigotski defende um trabalho acessível “a especificidade e a clareza da linguagem infantil”, e que possibilite “o domínio da escrita como um meio especial de expressar os pensamentos e sentimentos das crianças” (Vigotski, 2009, p. 65). No que se refere a tecnologia e educação, há mediação dupla, tanto pela tecnologia quanto pelo professor. Logo, a metodologia de ensino deve ter enfoque interacionista de maneira que favoreça a construção de conhecimento colaborativa.

O modo de ensinar assegura as condições pelas quais o aluno se relaciona com a escrita. Vigotski postula que a linguagem, influenciada pela cultura, permite que o ser humano se transforme de um ser puramente biológico em um ser social. Assim, as estratégias educacionais “consiste em criar na criança a necessidade de escrever e ajudá-la a dominar os meios da escrita” (Vigotski 2009, p. 67).

Escrever é, sem dúvida, umas das competências que a escola mais se debruça até ao final da formação básica, porém produzir texto hoje é uma experiência diversa de alguns tempos atrás. As tecnologias passaram a mediar essas relações e um complexo mosaico de gêneros textuais impressos e digitais mobilizou diversas linguagens. Estudantes escrevem em espaços

virtuais. Nesse contexto, considerando a necessidade de abordar e analisar a multimodalidade, a BNCC destaca que

Os jovens têm se engajado cada vez mais como protagonistas da cultura digital, envolvendo-se diretamente em novas formas de interação multimidiática e multimodal e de atuação social em rede, que se realizam de modo cada vez mais ágil (Brasil, 2018, p. 61).

A tecnologia por si só não tem o poder de mediar a melhora da escrita, assim é necessário a presença do professor na busca por soluções de problemas educacionais. Os avanços provocados pela intervenção pedagógica ampliam as estruturas cognitivas, por isso é preciso aprender a ensinar a escrever.

Compreender as estratégias e metodologias para reduzir as dificuldades associadas a esse ato deve ser uma preocupação contínua nas instituições de ensino e, particularmente, na prática dos professores. A escrita é uma ferramenta de comunicação e expressão dentro da sociedade. Sobre a importância da escrita para o sujeito e para a sociedade, Irlandé Antunes afirma que:

Falar ou escrever é ativar sentidos e representações já sedimentados, que sejam relevantes num determinado modelo de realidade e para um fim específico; é, antes de tudo, agir, atuar socialmente; é, nas mais diferentes oportunidades, realizar atos convencionalmente definidos, tipificados pelos grupos sociais, atos normalizados, estabilizados em gêneros, com feição própria e definida (Antunes, 2012, p. 118).

O Brasil possui uma língua padrão ensinada na escola, a Língua Portuguesa. Quando esse ensino é apoiado pela tecnologia e sensível ao multiculturalismo, forma cidadãos capazes de se comunicar e colaborar em uma sociedade diversa e interconectada. A integração da tecnologia no ensino da escrita em contextos multiculturais pode criar oportunidades significativas para o desenvolvimento dos alunos. Ao utilizar recursos tecnológicos, os educadores podem adaptar as metodologias de ensino para atender às diversas necessidades culturais valorizando suas identidades únicas enquanto promovem habilidades essenciais de escrita.

Na perspectiva do Multiculturalismo, o professor deve levar em consideração os fatores próprios de cada região, classificadas em geográfica (diatópica), histórica (diacrônica), social (diastrática) e situacional (diafásica). Candau (2011), afirma que “não há educação que não esteja imersa nos processos culturais do contexto em que se situa” (Candau, 2011, p. 13). Nesse sentido, o ensino da escrita deve considerar as diferenças/diversidades existentes intrinsecamente entre educação e cultura. Vejamos a seguinte colocação da autora:

Outra dificuldade para penetrar na problemática do multiculturalismo se refere à polissemia do termo. A necessidade de adjetivá-lo evidencia essa realidade. Expressões como multiculturalismo conservador, liberal, celebratório, crítico, emancipador, revolucionário podem ser encontradas na produção sobre o tema e se multiplicam continuamente. Certamente são inúmeras e diversificadas as concepções e vertentes multiculturais (Candau, 2011, p. 19).

Para Candau (2011), “está no chão da escola” a possibilidade de potencializar aprendizagem de combate ao silenciamento e invisibilidade. Expressar-se através da escrita favorece a construção de identidades culturais e de sujeitos de direitos. Nesse contexto, a tecnologia educacional amplia as vozes de diferentes comunidades e transforma as oportunidades por seu alcance horizontal. Assim, a internet tem influenciado a participação da juventude em letramento crítico digital e isso requer mediação na forma como a mensagem é apresentada nas produções de texto.

Caso contrário, globalização e multiculturalismo tornam-se seguimentos dissonantes. se não houver um esforço consciente para desenvolver a habilidade de escrita. A disparidade entre aqueles que têm habilidades de escrita e os que se comunicam, principalmente, através de meios audiovisuais se acentuará. Isso pode levar a uma divisão ainda maior na sociedade, onde um grupo pode ter mais facilidade em acessar e compartilhar informações, enquanto o outro fica em desvantagem.

Candau “entende o multiculturalismo não como dado da realidade, mas como uma maneira de atuar, de intervir, de transformar a dinâmica social” (Candau, 2011, p. 20). Assim,

a internet abre possibilidades de comunicação e não se pode imaginar a construção do conhecimento sem a utilização da escrita. Apesar de sua naturalização, ela é um produto da tecnologia.

O texto de Vera Maria Candau, "Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica", traz uma reflexão crítica sobre a educação em sociedades multiculturais, oferecendo diretrizes práticas para a implementação de uma educação que valorize e respeite a diversidade cultural. Ela argumenta que a escola é um espaço privilegiado para essa promoção do respeito e valorização da diversidade. Também debate sobre como a educação pode ser uma ferramenta para a transformação social.

Baseada nesse propósito, destaca a necessidade de reformular currículos para incluir conteúdos que representem a diversidade cultural, formar professores preparados para lidar com a diversidade em sala de aula e criar um ambiente escolar inclusivo que respeite e valorize todas as culturas representadas. Concordando com Candau, Freire questiona "Por que não estabelecer uma necessária "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?" (Freire, 1999, p. 15). Assevera ainda, que "[...] conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento" (Freire, 1999, p. 61).

Paralelamente a essa concepção, Lucídio Bianchetti (2002), ao organizar o texto *Um olhar sobre a diferença: as múltiplas maneiras de olhar e ser olhado e suas decorrências*, destaca a dinâmica entre "olhar" e "ser olhado" como uma forma de poder. Quem olha tem a capacidade de definir e categorizar o outro, enquanto quem é olhado pode internalizar essas definições ou resistir a elas. Esse jogo de poder é essencial para entender como as diferenças são percebidas e como podem levar a desigualdades e exclusões.

Nesse sentido, vale pontuar que a linguagem é carregada de ideologias, pois acompanha a evolução da sociedade. "O olhar é uma linguagem que se constrói e se realiza no contato com os outros, nas inter-relações" (Bianchetti, 2002, p. 3). O educador deve ser capaz de organizar seu planejamento didático não apenas para neutralizar discriminações, mas também para abrir espaços para a diversidade, a diferença e o cruzamento de culturas. Estratégias didáticas de intercâmbio e interação são necessárias para "desvelar o daltonismo cultural presente no cotidiano escolar" (Candau 2013, p. 25).

O professor tem melhores possibilidades no alargamento do olhar para as inter-relações com o contexto sócio-histórico. A escola é um espaço de interação e troca onde diferentes perspectivas e princípios são apresentados e confrontados. Para Bakhtin, eu preciso do outro para ser quem sou "[...]ser significa conviver. O ser humano[...] não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele olha o outro nos olhos ou com os olhos [...]" (Bakhtin, 2003, p. 341). Assim, a ação docente deve contribuir para um novo olhar para essa realidade educacional que não pode ser negligenciada.

A multiplicidade de olhares sobre a produção de texto de estudantes que concluem o ensino médio sem dominar a escrita da língua materna evidencia a necessidade de uma educação de qualidade e a mudança se torna um imperativo na educação brasileira. Nessa perspectiva, é plausível olhar com indignação a não aprendizagem e garantir o direito de todos à aprendizagem e ao pleno exercício da cidadania. Olhar para a construção de um currículo menos discriminatório e excludente, principalmente, ter o cuidado no olhar, consciente que "Lido com gente e não com coisas" (Freire, 1999, p. 53).

Nessa perspectiva parece pertinente que os professores de língua portuguesa estejam dispostos a enfrentar o desafio de sintonizar o paradigma da aprendizagem curricular e o paradigma da aprendizagem interativa. Num país tão diverso, a educação precisa entender o valor da diversidade. Para Vigotski a cultura não é apenas um pano de fundo para o desenvolvimento global do ser humano, ela o integra como parte da sua personalidade, "[...]



através dos outros, constituímo-nos” (Vigotski, 2000, p. 25). Dessa forma, o avanço tecnológico contribui para a relação entre homem e meio, mediada por instrumentos, signos e pelo outro.

Entender a teoria histórico-cultural do ser humano pode ser visto como uma defesa do direito à pluralidade, pois essa teoria foca na capacidade de desenvolvimento presente nas relações sociais. Há uma possibilidade de diálogo de aproximação entre a pedagogia da libertação de Freire e a psicologia histórico-cultural de Vigotski, resguardadas as diferenças de espaço, tempo e áreas do conhecimento.

Por um lado a pedagogia libertadora, emancipatória e dialógica propõe a práxis respaldada na relação homem e mundo onde se manifesta explicitamente o “pensamento e linguagem” descritos na obra *Pedagogia do Oprimido*. Por outro lado, a teoria histórico-cultural busca compreender o funcionamento psicológico humano como resultado das relações sociais, além de ter a escola como instrumento de humanização. Assim, a tarefa de ambas é ampliar a capacidade de reflexão e intervenção na realidade tendo sempre como ponto de partida a qualidade da práxis.

Paulo Freire nos incentiva a pensar essa prática acreditando que é a melhor maneira de pensar certo, sem arrogância, sem uma visão determinista e acreditar numa educação para um mundo melhor. A escola ainda briga por um saber que não é o mesmo difundido pela sociedade e o modo como é difundido é mais agradável e se manifesta por várias linguagens. Nesse contexto, a escrita é uma atividade cognitiva complexa a ser desenvolvida ao longo da vida e os sequestradores de atenção estão na escola. Portanto, todas as atividades só terão sentido se estiverem centradas na (re)construção do conhecimento, na aprendizagem e na pesquisa.

Os recursos tecnológicos educacionais possibilitam múltiplas competências num universo em que conceitos como tempo, perto e longe se modificaram. Os textos não são lineares e perpassam por diferentes linguagens e modos de expressão que conseqüentemente modificam o modo de pensar. Nessa lógica, consideramos que ao apropriar-se da linguagem escrita, o aluno constrói e reconstrói novas variáveis históricas num mundo editado. Comungando com o pensamento de Bakhtin, “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta” (Bakhtin, 2002, p. 124).

Ciente de sua influência, o professor precisa estimular o aprender, o criticar, o questionar, o pensar e desenvolver a autoria do que diz através da escrita. Essa habilidade transmite confiança. Uma das bases para viver em sociedade é a capacidade de organizar suas ideias por escrito como forma de troca de informação. Entrelaçado com a dimensão social, Paulo Freire em sua obra “Pedagogia da Autonomia”, afirma que a comunicação dialógica deve fundamentar o processo de ensino-aprendizagem, pois “ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 1999, p. 12).

Nesse tipo de interação social, mediada pelo diálogo colaborativo entre professor e aluno, bem como entre os próprios alunos, os participantes têm a oportunidade de expressar seus pensamentos, ouvir as perspectivas dos outros e construir o conhecimento em conjunto. Paulo Freire propôs um modelo de educação ancorado nos pilares de conscientização e participação ativa dos alunos. O professor orienta na seleção de informações e proporciona o apoio necessário para evitar que o aluno se sinta envergonhado ao revelar suas dificuldades.

No entanto, mais do que intervenção pedagógica, o usuário da língua precisa reconhecer a necessidade de saber expressar-se de maneira eficiente por meio da linguagem escrita. O ato de escrever deve ser tão comum quanto o ato de fala na escola. Para isso o aluno mobiliza discursos atuais e anteriores. Irandé Antunes alerta para o fato de que, 11 anos de estudos não correspondem em qualidade de texto escrito de alunos que estão concluindo o ensino médio, pois não dominam nem mesmo a ortografia mediana. Um reflexo disso, segundo a autora, é a ausência da consciência de ser sujeito da própria história.

[...] o sério do problema é desenvolver, na escola, a capacidade de ‘autoria’ de bons textos, que, por sua vez, já incluem outra questão: saber em que consiste um bom texto; que propriedades um bom texto deve ter? Que propriedades são constitutivas

de um texto e, assim, são mais significativas e mais pertinentes; ou seja, não podem faltar em nenhum texto (Antunes, 2003, p. 16).

Entendemos, portanto, que, o ponto central a se considerar aqui é que em um contexto didático, transformar um conhecimento acadêmico em um conhecimento ensinável exige uma reflexão mais ampla e envolve um conjunto de processos que requerem uma vigilância constante em relação à familiaridade ilusória com o meu objeto de estudo. Ou seja, “Ao menos na nossa parte, não vamos permitir que, nas nossas mãos, crianças e jovens sejam excluídos” (Libâneo, 1998, p. 25).

3 Considerações Finais

Como se trata de uma pesquisa em andamento, as conclusões ainda serão delineadas. No entanto, é possível afirmar que a proposta de pesquisar as potencialidades e fragilidades de estratégias digitais de ensino da escrita no ensino médio, tendo como caminho a busca por conhecimento e a efetivação da mudança das práticas em sala de aula, é uma necessidade para os diferentes problemas que a escola enfrenta no seu cotidiano. A didática é o ponto de partida para a valorização multicultural no processo ensino-aprendizagem e a interatividade é vista como uma revolução na comunicação.

Pressupõe-se que contribua significativamente no desempenho metodológicos de produção de texto para a formação do ensino básico. Conseqüentemente, no contexto contemporâneo de novas linguagens, os alunos adquiram mais habilidade de se expressar por meio de textos escritos. Além disso, aprendam a selecionar adequadamente os fins necessários ao escrever para elogiar, apresentar-se, expressar opiniões, contar histórias, socializar conhecimento, influenciar, criticar, dar instruções etc. No contexto da cultura digital desenvolvam a capacidade de comunicar com ética, apreender a viver, conviver e a cooperar com grupos humanos.

Ademais, possibilitará o engajamento maior dos estudantes para usar tecnologias de maneira mais proveitosa e seletiva, não visando simplesmente o ambiente escolar, mas a sociedade em que este se situa. Profissionalmente, estimulará a reflexão, o efetuar deduções, conclusões e a tomada de decisão quanto as metodologias usadas em sala de aula no ensino de língua portuguesa.



REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. No meio do caminho tinha um equívoco: gramática tudo ou nada. In: BAGNO, M. (Org.). Linguística da norma. São Paulo: Loyola, 2002. p. 127-134.

ANTUNES, I. A escrita na escola: uma prática que desenvolve nos alunos a consciência de poder ser 'autor' do que diz. Discursos, Gêneros e Estilo: confluências teórico-metodológicas no estudo do texto [recurso eletrônico]. / Adriana Morais Jales, Edmar Peixoto de Lima (orgs.). – Mossoró, RN: Edições UERN, 2023.

BAKHTIN, M. Observações sobre a epistemologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.399-414.

BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal. 3ª ed. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, M. Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: Hucitec, 2002.

BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC/SEF, 2018.

CANDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In CANDAU, V. M.; MOREIRA, A. F. (Org.). Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis –RJ, Vozes, 2011, p. 13 –37.

FERNANDES, Marcos Aurélio. O que é mesmo educação? Colóquio de 2009 na Linha de Pesquisa Educação, Sociedade e Cultura. Revista Educativa, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 161-175, jan./jun. 2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (capítulos 1 e 3). Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1S6aMX2diROfgpLwZSbLm9s8caACucBYq/view> Acesso em 29/06/2024.

LIBÂNEO, J. C. Pedagogia e pedagogos, para quê? São Paulo: Cortez, 1998.

TRIVIÑOS, Augusto. Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VYGOTSKY, L.S., (1996). A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 5.ed. São Paulo (Brasil): Martins Fontes.

VYGOTSKY, L., Pensamento e Linguagem. São Paulo, M. Fontes, 1987.

VIGOTSKI, L. S., Manuscrito de 1929. Psicologia concreta do homem. Educação & Sociedade, v. 21, n. 71, p. 21-44, jul. 2000.

VIGOTSKI, L. S., Manuscrito de 1929. Educação e Sociedade, Campinas, v. 21, n. 71, p. 21-44, 2000.



SemiEdu 2024
FORMAÇÃO DE PROFESSORES
EM FOCO: DESAFIOS E
PERSPECTIVAS

VIGOTSKI, L. S., Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores.
Trad. Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

Realização

